



Razón y Palabra

Primera revista digital en América
Latina especializada en tópicos de
Comunicación

ISSN 1605-4806

UM SABER SOBRE TENSÃO: AS MÚLTIPLAS VISÕES SOBRE A ORIGEM, O OBJETO DE ESTUDO E O CONCEITO DA DISCIPLINA COMUNICAÇÃO

Janara Sousa¹

Elen Geraldles²

Resumo:

O que é Comunicação? Qual o seu objeto de estudo? Quando surge um pensamento organizado sobre a Comunicação? Bom, essas questões epistemológicas valem para organização de qualquer campo. E, talvez, em alguns deles sejam pontos pacíficos de discussão. Contudo, talvez pela jovialidade da disciplina Comunicação, esses pontos sejam de embates fortes e profundos. A proposta desse artigo é retomar essa discussão epistemológica - discutir a origem, o conceito e o objeto de estudo da Comunicação – sob o olhar de autores que enfrentaram essas questões, ainda que, às vezes, não diretamente, e hoje fulguram como “clássicos” da formação em Comunicação no Brasil. Para tanto, propomos o diálogo entre nove autores: Miège, Martino, Balle, Bougnoux, Armand e Michèle Mattelart, Katz, Wolf e Defleur, amplamente utilizados nas escolas de Comunicação do Brasil, que acreditamos ter forte influência sobre o pensamento da Comunicação brasileiro.

Palavras-chaves: Comunicação, Epistemologia, Saber Comunicacional, Ciência.

1. Introdução

Sempre ouvimos falar na relevância da comunicação e na importância de se comunicarmos no sentido de estar atento às informações sobre o mundo, as pessoas, a natureza. Mas será que é esse o sentido de comunicação que tratamos quando nos referimos à disciplina Comunicação ou quando ingressamos numa faculdade de Comunicação? Será que é dessa comunicação que é fundamento do homem e que perpassa todos os objetos de estudo das Ciências do Homem, da Natureza e da Filosofia que estamos nos referindo? A resposta é definitivamente não! Não é

possível que uma disciplina sozinha ouse abarcar todos os fenômenos simbólicos do homem em seu objeto de estudo, levando em consideração que o homem, enquanto ser simbólico, percebe o mundo simbolicamente. As disciplinas das Ciências Humanas formam juntas um concurso de esforços para responder a essa problemática. Portanto, não é coerente esperar que a disciplina Comunicação sozinha dê conta desse universo.

A origem, o conceito e o objeto da Comunicação não são uma discussão nova na Academia. Ao contrário, esta discussão está, de certo modo, mapeada com grupos que defendem fortemente suas posições. Não obstante, acreditamos que esse tema nem de longe está esgotado e merece ser ainda mais esmiuçado, por isso, o trazemos à baila novamente. Para tanto, ao invés de tomar um partido, propomos um diálogo com o que poderíamos chamar de “clássicos” da teoria e/ou da epistemologia em Comunicação. Os colocamos nesse patamar de importância porque são autores, na sua maior parte internacionais, adotados amplamente pelas escolas de Comunicação brasileiras. Fazem parte da formação dos comunicólogos brasileiros e, portanto, têm influências indiscutíveis na formação do pensamento sobre a comunicação no Brasil.

A estratégia metodológica desse artigo foi reler nove autores, especificamente Miège, Martino, Balle, Bougnoux, Armand e Michèle Mattelart, Katz, Wolf e Defleur, e consultá-los sobre o saber comunicacional, mais precisamente, o princípio do pensamento sobre a Comunicação, o objeto de estudo e o próprio conceito de Comunicação.

O objetivo dessa pesquisa, sem dúvida, não é, por exemplo, buscar a definição “correta” sobre o que é Comunicação. Ao contrário! Trata-se aqui de fazer uma experiência que fazemos pouco na nossa área: colocar os autores sobre a epistemologia da Comunicação para dialogarem. Nesse sentido, podemos saber com um pouco de mais clareza quais são seus pontos de diferença e semelhança, além das fortalezas e fragilidades da disciplina Comunicação.

2. Decifrando um saber – uma discussão sobre o conceito Saber Comunicacional

Para iniciarmos a discussão deste artigo é preciso antes de tudo conceitualizar o que é *saber comunicacional*³¹ para depois partimos para a descoberta da sua origem e para apreciação de como alguns teóricos vêem a Comunicação em relação ao estatuto científico. Qual é afinal a história do início do saber comunicacional? Quando e porque os pesquisadores começaram a se preocupar em dar suporte teórico a esta disciplina? Na verdade, essa não é uma tarefa fácil. A Comunicação é um campo complexo e interdisciplinar, que recebe contribuições teóricas de

várias disciplinas. Além disso, poucos autores da Comunicação se dedicaram em resgatar, discutir e definir o saber comunicacional ou em esclarecer o objeto de estudo da disciplina. Apesar disso, esse conceito é fundamental para essa pesquisa porque coloca, de forma mais completa, a evolução dos estudos da comunicação. De fato, é o autor Bernard Miège⁴, com seu conceito de pensamento comunicacional, que mais se aproxima da forma como queremos caracterizar o termo. Todo campo do conhecimento humano tem um arcabouço teórico que o suporta. Com a Comunicação não é diferente. O saber comunicacional é a expressão teórica dessa disciplina na busca do seu reconhecimento como um campo do saber autônomo. Abordemos essa questão sob o ponto de vista dos principais autores que discutiram o assunto.

No campo da comunicação, essa tarefa é especialmente delicada devido à abrangência que o termo pode alcançar e a preocupação relativamente recente dos pesquisadores em delimitar o objeto de estudo da disciplina. Nós não vamos adotar o termo proposto por Miège, pensamento comunicacional, com o que o autor procura esboçar a estrutura desse campo de pesquisa, porque Miège se contradiz e torna confusa a definição proposta a esse termo. Segundo ele, o pensamento comunicacional ganha representatividade por causa da ruptura que aconteceu, aproximadamente na década de 40, quando despontaram os questionamentos e as pesquisas vindos dos meios profissionais e acadêmicos.

Se eu proponho essa expressão - pensamento comunicacional - é, para atender ao fato de que as idéias ou as representações que fazemos da comunicação provêm igualmente dos **profissionais e dos atores sociais**, desenvolvendo suas próprias ações e suas estratégias, informacionais e comunicacionais. Nesse sentido, devemos admitir que esse pensamento ganha forma tanto a partir da prática como a partir de proposições teóricas. Aí se encontra um fenômeno fundamental e específico (em parte) do campo da comunicação (Miège, 2000, p. 15).

Apesar de Miège colocar claramente que o pensamento comunicacional nasce de questionamentos vindos do meio acadêmico, profissional e dos atores sociais, em nenhuma passagem do seu livro o autor menciona qualquer outra contribuição que não se refira às teóricas. Durante toda a sua explanação, o autor se preocupa exclusivamente em relacionar as contribuições teóricas, advindas da Academia, para a Comunicação. Mesmo considerando que o saber comunicacional recebe/recebeu igualmente contribuições de todos os setores da sociedade, nesse trabalho nos ateremos somente ao que diz respeito às contribuições teóricas, caminho percorrido pela maioria dos estudiosos da área. Miège se propõe um desafio importante, mas frustra porque não leva a cabo sua empreitada e repete, de certa forma, a fórmula dos outros

teóricos de comunicação (relacionar e discutir as teorias do saber comunicacional). Contudo, não invalidamos o conceito do autor. Ao contrário, aproveitaremos ao máximo as contribuições que podem ser incorporadas pelo nosso conceito de saber comunicacional. Para Miège, o pensamento comunicacional está estritamente ligado as sociedades contemporâneas porque teve uma evolução considerável atrelada às inovações tecnológicas. Isso implica dizer que esse pensamento está atrelado à "dinâmica" das sociedades contemporâneas e à evolução das tecnologias comunicacionais e informacionais. O autor não se aprofunda nas condições da ruptura desse pensamento na década de 40. Nós também não especularemos muito sobre esse assunto, nos dedicaremos, nesse artigo, principalmente às hipóteses dos principais teóricos sobre o saber comunicacional. O fato é que a comunicação, a partir de uma determinada época (principalmente, início do século XX), começou a incomodar os diversos atores sociais que responderam com uma avalanche de questionamentos.

Considerando o fato da ligação do saber comunicacional à dinâmica das sociedades contemporâneas e às inovações tecnológicas, não podemos deixar de mencionar o caráter histórico desse saber.

O pensamento comunicacional não é, portanto, estático. Ele é o produto da história humana. Não é, porém, uma criação constantemente renovável, ele é profundamente marcado por suas origens, e as etapas por que passou ao longo dos últimos 50 anos são particularmente esclarecedoras por causa disso (Miège, 2000, p. 15).

Miège atenta para que duas proposições sejam rejeitadas: a que diz respeito ao pensamento comunicacional ser único e unificado e a que o considera como resultado da ação e da iniciativa dos homens, ou seja, de que ele seja uma criação eterna. Não existe uma concordância acerca do objeto de estudo da comunicação e nem mesmo das teorias que fazem parte do pensamento comunicacional. Portanto, não é lícito afirmarmos que esse pensamento esteja unificado. As pesquisas na área de Comunicação são muito diversificadas e denunciam a volubilidade de seu objeto. Além disso, indubitavelmente, a evolução do pensamento comunicacional está ligada às tecnologias comunicacionais e, conseqüentemente, não deriva de uma criação eterna. Por isso, é essencial considerarmos o caráter histórico desse pensamento para diferenciá-lo da comunicação como fundamento do homem.

Em suma, para este paradigma de análise, as novas práticas comunicacionais tornam-se o centro que explica tanto o objeto, quanto a disciplina. Porque não se trata mais de dar conta de um campo descomunal, cuja extensão não poderia ser coberta senão pela Filosofia ou pelo conjunto das ciências do homem. São

exatamente estes processos comunicacionais, bem dotados, contextualizados em um certo tipo de organização social e com especificidades próprias, que têm no emprego dos meios de comunicação sua expressão mais constante e evidente, que passam a ser o objeto de estudo uma ciência particular: a Comunicação (Martino, 2001, p. 74, a).

Essas colocações de Miège e de Martino nos ajudam a elucidar melhor porque o termo saber comunicacional é o mais apropriado quando queremos nos referir a comunicação como disciplina que se interessa pelos processos comunicacionais, vinculados às inovações tecnológicas, e que toma força a partir da década de 40. Esse termo está livre dos vícios e resíduos históricos que se uniram aos outros conceitos no decorrer do tempo. A intenção é incluir e abarcar as outras denominações, como Comunicação, Comunicação Social, Comunicação de Massa, *Communication Research*, Publicística, Pensamento Comunicacional e Teorias da Comunicação que caminham em busca da consolidação dos conhecimentos na área da Comunicação.

Termos como Comunicação, por exemplo, são freqüentemente utilizados para designar uma série de coisas que seu sentido fica vazio. O conceito de comunicação é usado para se referir a vários tipos de práticas e não dá a conotação específica e histórica, que o conceito saber comunicacional nos oferece. A comunicação, como colocada no *Dicionário de Comunicação*, por exemplo, é uma criação eterna, ahistórica e formadora do homem.

A palavra comunicação deriva do latim *communicare*, cujo significado seria “tornar com”, “partilhar”, “repartir”, “associar”, “trocar opiniões”, “conferenciar”. Comunicar implica participação (*communicatio* tem o sentido de participação), em interação, **em troca de mensagens**, em emissão ou recebimento de informações novas (Rabbaca, 1978, p.151).

Podemos perceber que o conceito de comunicação é muito mais abrangente que o de saber comunicacional. No *Dicionário de Comunicação*, o termo comunicação não precisa ter nenhuma daquelas características que citamos até aqui. Nem precisa, ao menos, ser algo percebido conscientemente pelos indivíduos, já que troca de mensagens pode ser entendida até mesmo biologicamente.

Martino (2001) chama atenção para a polissemia do termo que considera como um dos principais desafios encontrados na definição da Comunicação.

A princípio, ele é empregado para designar as relações entre homens mediadas pela palavra, gestos ou por imagens, mas o termo também se aplica às relações entre animais ou ainda entre máquinas. Acrescenta-se também a esta lista certas relações da matéria com a matéria (transmissão de energia, código genético...) e

a relação dos homens com os deuses (ou com Deus) e com os mortos (Martino, 2001, p.53, a).

3. Um saber em evidência: origens e tensões

Com as observações de Miège já podemos fazer algumas afirmações sobre o saber comunicacional. Ele, obviamente, apareceu antes das décadas de 40 e 50, entretanto, percebemos uma intensa produção acadêmica e profissional somente a partir dessa época, que Miège, inclusive, caracteriza como uma ruptura nos estudos em comunicação. Até porque ela também marca a efervescência das inovações tecnológicas da comunicação. Todo esse clima despertou, nos vários setores da sociedade, o interesse em estudar e entender mais aprofundadamente os processos de comunicação. É provável que essa ruptura, a qual Miège se refere, esteja ligada ao início da intensa atividade dos meios de comunicação. Na década de 50, os meios de comunicação eletrônicos, como o rádio e o telégrafo, já estavam em pleno auge de utilização e a televisão já estava em fase de consolidação.

Conforme Martino (2001), até a metade do século XVIII não se falava nos estudos da Comunicação, muito menos se pensava em considerar a comunicação como uma disciplina a ser desenvolvida. Foi, então, que as sociedades começaram a ficar complexas com a industrialização, a crise política, o êxodo rural, o surgimento do jornal, as máquinas a vapor e a necessidade pela comunicação, que sai do pano de fundo das relações entre os homens e começa a se tornar uma necessidade. Esse foi o ponto essencial para poder estudar a comunicação: o distanciamento. Os homens tinham um relacionamento íntimo com os processos de comunicação. Então era impossível estudar o que estava totalmente imbricado na vida cotidiana. Quando os meios de comunicação tornaram-se essenciais no dia-a-dia do cidadão comum precedeu-se a importância que eles conquistaram na intermediação entre os homens e entre o homem e a natureza. Os meios invadiram as sociedades e começaram a se estabelecer com uma imensa força. Eles então passaram a ser a chave da inserção do indivíduo no social porque se tornaram fundamentais nas relações entre os homens. A necessidade da comunicação vem da necessidade de ser social e os meios se tornaram uma importante forma de acesso para o mundo social. Na verdade, o impacto dos meios de comunicação ainda é maior. Neles, como é o caso da Internet, acontece a própria experiência social⁵. Ora, tomando tal espaço na sociedade era de se esperar que surgisse uma explosão de pesquisas, o qual realmente aconteceu por volta da década de 40. É fácil verificar

essas informações por que a maior parte das obras dos autores do saber comunicacional partem de referências, de pelo menos, do início do século XX. Apesar de, no século XVIII, existirem estudiosos sobre esse saber não houve tanta mobilização de pesquisadores quanto na época em que Miège marca como a ruptura.

Podemos perceber então que realmente o saber comunicacional está na convergência entre os questionamentos da comunidade acadêmica e profissional, ou seja, ele recebe contribuições tanto a partir da prática quanto a partir das proposições teóricas. Entretanto, nessa pesquisa nos ateremos somente às contribuições teóricas. Os processos comunicacionais existem primeiro na prática para depois se tornar objeto de pesquisa. A aplicação prática desses processos no dia-a-dia das pessoas é, sem dúvida, um dos responsáveis pelas riquezas das pesquisas em Comunicação. Como Miège antes ressaltou, isso realmente dá o caráter *sui generis* da Comunicação e também explica o fato da intensa mudança de paradigmas, inerente às pesquisas desse saber.

Mesmo os outros autores que se dedicaram a falar sobre a história e as teorias da comunicação e não se referiram diretamente ao conceito saber comunicacional estavam se referindo ao corpo teórico que forma o saber comunicacional, ou seja, a efervescência de questionamentos da evolução da comunicação, que despertou com as inovações tecnológicas e precipitou questionamentos vindos de todos os setores da sociedade.

Apesar de tantas considerações e teorias diferentes, esses autores estão procurando levantar a história do saber comunicacional, delimitar o objeto de estudo da Comunicação e construir um arcabouço teórico que aproxime essa disciplina do rigor exigido para alcançar o patamar científico ou retirar a Comunicação da sombra dos outros campos do conhecimento. Mas, a Comunicação, por receber inúmeras influências de tantos atores sociais e campos do saber, tem o objeto de estudo flutuante. O saber comunicacional tem na sua origem proposições teóricas de diversas disciplinas. Até mesmo os programas e as disciplinas dos departamentos de Comunicação, no Brasil, variam muito no tocante a grade de disciplinas e nas possibilidades de especialização, o que reforça a confusão acerca do objeto de estudo da disciplina.

Para muitos autores esse é ponto chave para considerar ou não a Comunicação como uma ciência. Entre os vários autores que pesquisamos encontramos diversas diferenças sobre, por exemplo, o objeto de estudo da Comunicação, quando surge o saber comunicacional, quanto ao caráter científico da comunicação e quanto às teorias que devem ser relevadas ou não nos livros de história da comunicação.

Nesse artigo, revisaremos as obras dos principais teóricos da comunicação e colocaremos suas posições em relação: à condição da Comunicação (enquanto campo do saber ou ciência), à origem e emergência do saber comunicacional e ao conceito que eles utilizam sobre comunicação.

4. Saber comunicação: múltiplas visões

Começamos essa revisão encerrando algumas considerações de Miège sobre o saber comunicacional. Segundo ele, retomando Schramm, a Comunicação é um campo onde várias disciplinas passam e nenhuma fica. Conforme o autor, o saber comunicacional não está unificado e isso se configura num empecilho para a elevação da Comunicação ao estatuto científico.

Entre os elementos que o compõem, são diversas as oposições lógicas, a diversidade dos níveis de aprendizagem e as contradições que, aliás, foram apontadas, em várias ocasiões, por este livro (Miège, 2000, p. 129).

A tentativa de Miège de delimitar o objeto de estudo da Comunicação criando o conceito de pensamento comunicacional é de fato muito importante e de certa forma inédita entre os pesquisadores da área. Entretanto, reafirmamos o problema de sustentar esse termo, tendo em vista que o autor levanta uma condição de pesquisa, a contribuição dos profissionais e dos outros atores sociais, e não se dedica a investigá-la.

Apesar de Miège reconhecer a confusão e as contradições teóricas, ele afirma que, de certa forma, o saber comunicacional é uma base, mais ou menos, aceita pelos profissionais e teóricos. Isso só reforça a tese de que os autores da comunicação, mesmo não se referindo ao termo, estão tratando sobre a mesma coisa: a emergência e as teorias do saber comunicacional.

Agora, torna-se mais fácil visualizar a importância dada no início do artigo em conceituar esse termo porque ele pode nos proporcionar o direcionamento e a objetividade necessária para analisarmos as obras dos autores na busca de compreender melhor como o saber comunicacional é visto e constituído.

Um dos principais teóricos atuais da Comunicação é Francis Balle⁶, que faz uma minuciosa análise da história das técnicas de comunicação (dentro do contexto da crescente necessidade de comunicação nas sociedades contemporâneas) e da evolução do saber comunicacional. Balle, não

se refere especificamente a esse termo. Entretanto, percebemos claramente que quando ele fala dos *estudos da comunicação* está tratando de algo muito próximo do que Miège faz, quando este se afasta da definição que dá para o pensamento comunicacional. Ou seja, ambos tratam da história e das teorias do saber comunicacional.

Segundo Balle, os estudos da Comunicação também têm uma grande efervescência, entre as décadas de 40 e 50, quando as discussões sobre o tema começam a ganhar força tanto no meio acadêmico quanto no profissional. Os principais pólos de estudo da comunicação dessa época eram: França, Alemanha e Estados Unidos. De acordo com o autor, a França estava preocupada em desenvolver pesquisas acerca do conteúdo dos periódicos. A Alemanha se detinha em denunciar a propaganda nazista e os Estados Unidos (a América do Norte de uma forma geral) se concentravam na investigação dos meios de comunicação.

Los atributos de una comunidad científica aparecen uno tras otro después de 1945 hasta fines de los años setentas; en la escala internacional nacen varias asociaciones, cada una de ellos con su propio congreso. Se fundan varias revistas y en las universidades se abren departamentos enteramente dedicados a los estudios sobre la comunicación o sobre la información. Con todas estas señas, la comunicación se dibuja como una disciplina académica, del mismo modo que la ciencia política, la sociología social o la sociología (Balle, 1994, p. 44).

A institucionalização da Comunicação como disciplina acadêmica começou depois da Segunda Guerra Mundial. Conforme Balle, esse processo foi fomentado a partir da demanda da comunidade científica e profissional, quando os processos comunicacionais se tornaram mais complexos e os meios de comunicação se tornaram fundamentais para a inserção dos indivíduos no ambiente social. Vários setores da sociedade começaram a se interessar e se preocupar com os avanços tecnológicos dos meios de comunicação e isso gerou questionamentos e pesquisas sobre o tema tanto na academia, quanto no meio profissional. Para o autor, o resultado desse processo foi uma base teórica composta por pressupostos de diversas disciplinas, o qual faz da Comunicação um campo de estudos interdisciplinar.

Balle defende que a Comunicação é um campo disperso do conhecimento. Ele considera que desde a explosão do saber comunicacional não pararam de aumentar o número de temas pesquisados. Além da multiplicidade de objetos de estudo, existe uma multiplicidade de disciplinas que podem auxiliar as bases teóricas desse campo. De acordo com Balle, isso só faz da comunicação um saber mosaico que impede sua ascensão ao estatuto científico. Mesmo assim, o autor consegue perceber os estudos do saber comunicacional com uma relativa unidade. Balle

aponta a evolução das correntes de pesquisa desse saber desde 1920 até o final do século XX e, ainda, reconhece Paul Lazarsfeld e Harold Lasswell como os pais fundadores dele. O autor, certamente, não deixa de apontar as contradições e confusões em que as pesquisas desse campo incorreram por conta do vastíssimo leque de opções de estudo.

A não concordância entre os pesquisadores sobre os contornos da área estudada e a dificuldade de acordar sobre os métodos empregados e sobre a subordinação deles ao mínimo rigor científico foram fatores que impediram a Comunicação se tornar uma ciência. O autor julga mesmo desnecessária a pretensão de elevar a Comunicação a um estatuto científico.

La dispersión de conocimientos relacionados con la comunicación y la pretensión a menudo injustificada de éstas sobre su carácter científico sin duda resultan, en lo esencial, de la idea que los observadores e investigadores se hacen espontáneamente de la acción de los medios sobre las personas, de las modalidades de la influencia social, sea que conciernan a las actitudes, a las opiniones o bien al comportamiento de las personas (Balle, 1994, p. 46).

Balle considera que a evolução das inovações tecnológicas foi decisiva para a efervescência das discussões sobre o saber comunicacional. Para ele, a história da Comunicação é inseparável da história de evolução das técnicas que permitem aos homens se comunicar e da transformação da paisagem social contemporânea que carrega em si uma necessidade cada vez mais premente de se comunicar. Isso implica também em afirmar que a expressão do saber comunicacional está vinculada a das sociedades industriais e suas expansões.

De Gutenberg a nuestros días la historia de los medios está mezclada con la aventura industrial y con los múltiples combates por la libertad. Fueran los grandes periódicos de Europa Occidental y de America del Norte los que hicieran entrar a la información en una nueva era, hacia finales del siglo XIX. Por primero vez las noticias eran divulgadas a millones de lectores, gracias a las rotativas (Balle, 1994, p.71).

Para o autor os meios de comunicação permitiram uma forma de se expressar radicalmente nova e complexa. Segundo Balle, essa questão é tão profunda que podemos nos referir a uma geografia dos meios de comunicação na sociedade, que vai desde suas primeiras aplicações para, depois, serem adotados por uma sociedade e, finalmente, serem incorporadas pelos homens no seu cotidiano.

Conforme Balle, os meios de comunicação se converteram em instituições tamanha a importância deles na facilitação dos processos comunicacionais e do seu papel decisivo na vida social do indivíduo. E é a história dessa institucionalização que precisa ser explicada e compreendida. Mesmo conferindo tal importância aos processos comunicacionais nas sociedades

contemporâneas o autor não reclama a consolidação de uma estrutura epistemológica e metodológica que eleve a Comunicação a uma condição científica, ao contrário, como citamos antes, ele julga mesmo desnecessária essa pretensão.

As maneiras que Balle e Miège abordam o saber comunicacional são muito semelhantes. Ambos acreditam no caráter histórico do saber comunicacional e na vinculação deste às inovações tecnológicas. Os autores também acordam sobre o caráter ambivalente dos estudos da Comunicação, que possivelmente é o responsável tanto pela riqueza como pela inconsistência das pesquisas, alimentado por questionamentos que brotam de vários setores da sociedade.

Eles também estão de acordo sobre a impossibilidade da comunicação vir a se tornar uma ciência. Apesar de concordarem em vários aspectos, Balle desenvolve suas idéias sobre o saber comunicacional priorizando os meios de comunicação e a institucionalização destes. O autor se preocupa em elucidar de que maneira os meios, em um dado lugar e num dado momento, contribuem para favorecer o comércio de idéias entre os homens. Miège, por sua vez, se dedica a entender a evolução das problemáticas do saber comunicacional, a partir da ruptura que se deu na década de 40. Não obstante essas diferenças, os autores se dedicaram a eleger e apresentar as teorias do saber comunicacional.

Para Daniel Bounoux, a condição da Comunicação não é diferente do que Miège e Balle afirmaram. De acordo com ele, a Comunicação não tem fundamentos e nem teoria dominante. Ela circula a margem dos saberes ao mesmo tempo em que seu objeto de estudo recebe contribuições de várias disciplinas. Bounoux também considera que o significado do termo comunicação se esvaziou e já não é mais eficiente para designar os processos comunicacionais mediados pelos meios de comunicação, no contexto das sociedades contemporâneas.

Em parte alguma nem para ninguém existe A comunicação. Este termo recobre excessivamente práticas, necessariamente díspares, indefinidamente abertas e não enumeráveis (Bounoux, 1998, p. 13).

Bounoux também acredita que a Comunicação não pode ascender ao estatuto científico porque não se presta a uma elaboração rigorosa. Ela resiste as tentativas de torná-la uma área fechada (tanto no plano intelectual, quando no profissional) por causa da volubilidade do objeto de estudo, da vasta possibilidade de pesquisa e da não concordância acerca de uma metodologia de pesquisa única.

A comunicação é como uma grande nuvem que os ventos impelem e rasgam, e que plana acima de quase todos os saberes (Bougnoux, 1998, p. 19).

Para o autor a diferença e a riqueza da Comunicação em relação às outras disciplinas está exatamente no fato dela poder transitar por todos os outros campos do conhecimento e não se fixar em nenhum deles.

É preciso, portanto, que nossa comunicação permaneça essa coisa turbulenta e vaga, da qual não há nem ciência nem técnica, mas que está acima ou enquadra a maior parte delas (Bougnoux, 1998, p.18).

A Comunicação, segundo o autor, ganha por não ser claramente reconhecida. A Comunicação como vinculação (o que nos liga), por exemplo, é impossível de ser fechada como uma ciência. Certamente o conceito a que Bougnoux se refere está ligado a Comunicação como fundamento do homem e formadora de consciência. Colocado assim, a Comunicação se confunde com a Filosofia ou com toda a vastidão do campo das Ciências Humanas. O conceito de comunicação que Bougnoux oferece impossibilita qualquer tentativa de fechar um objeto de estudo nesta disciplina.

Nosso conceito de comunicação, ao contrário, parece implicar uma ação sobre o espírito das pessoas: a ação comunicacional não põe em relação o sujeito e o objeto (par técnico), mas o sujeito com o sujeito (par pragmático). É o homem agindo sobre (as representações de) do homem por meio dos signos (Bougnoux, 1998, p. 16).

Assim colocado, a comunicação raramente se prestaria a uma elaboração rigorosa porque seria generalíssima e seu objeto de estudo estaria diluído em todos os campos do saber humano. Tratando a Comunicação dessa forma, Bougnoux, de fato, inviabiliza a oportunidade dela se tornar uma disciplina autônoma. Entretanto, para garantir a autonomia e legitimidade dela, o autor defende a emergência de uma interdisciplina CIC (Ciências da Informação e da Comunicação) para dar conta dos questionamentos e mudanças que os meios de comunicação provocam nas sociedades contemporâneas. Podemos constatar que a explicação do autor para essa interdisciplina, que compulsoriamente possui um objeto de estudo interdisciplinar, é semelhante a que já especulamos sobre o saber comunicacional.

As CIC correspondem a uma exigência pedagógica e teórica. Nasceram, nas universidades, do desejo de adaptar os cursos a perspectivas inéditas e à rápida expansão de novas profissões; no campo intelectual, a discussão surgiu de uma interrogação antropológica sobre a redefinição da cultura, identificada com as diferentes maneiras de comunicar e, de início, centrada nos anos sessenta, na troca e na formalização lingüísticas (com as pesquisas de Levi-Strauss, Barthes ou Jakobson). Na prática, nossas CIC acompanham e tentam enquadrar, hoje em dia, as transformações dos meios de comunicação, o desenvolvimento incessante

das “novas tecnologias”, e assim como a expansão das relações públicas em geral (Bougnoux, 1998, p. 13).

Nessa perspectiva, Bougnoux não eleva a Comunicação ao patamar científico. Na verdade, considerando como Ciências da Informação e da Comunicação, o autor generaliza e, com precisão, só afirma o caráter interdisciplinar desse campo de estudo.

O autor também acrescenta que a história das novas tecnologias e da transmissão de mensagem é um núcleo central de estudos das CIC. Bougnoux considera o caráter histórico dessa interdisciplina irremediavelmente atrelado às evoluções tecnológicas. De fato, as principais diferenças que ele apresenta, em relação ao nosso conceito de saber comunicacional, está na união entre comunicação e ciências da informação, o qual, certamente, expande mais ainda o leque de pesquisa e o conceito de Comunicação, que o autor não faz esforço em delimitar e ressaltar sua singularidade.

Entretanto, no que concerne a pesquisa em comunicação, acreditamos que os autores estão se referindo ao mesmo campo conceitual. Ora, se o autor coloca como pontos-chaves da explosão do saber comunicacional, os mesmos vetores citados antes por Miège: questionamentos que partem de diversos atores da sociedade, expansão do campo profissional e intelectual e vínculo com as evoluções tecnológicas, é de se supor que eles estejam se referindo a um mesmo universo de problema.

Outros autores importantes que devem ser contemplados nesse artigo são Armand e Michèle Mattelart. Eles consideram que a proliferação das tecnologias e a profissionalização das práticas aumentaram a polifonia do termo comunicação, portanto, segundo os autores, a comunicação é um campo de estudos dentro das ciências sociais.

A história das teorias da comunicação é a história das separações e a das diversas tentativas de articular ou não os termos do que freqüentemente surgiu sob forma de dicotomias e oposições binárias, mais do que níveis de análise (Mattelart, 1999, p. 10).

Apesar de vários autores considerarem a comunicação como um campo do conhecimento que busca suporte teórico em outras disciplinas, essa é a única obra, na bibliografia consultada, que coloca a comunicação dentro do âmbito de outra disciplina. Os outros autores, apesar de não atestarem o caráter científico da Comunicação, certamente a colocam como uma disciplina autônoma.

Para os autores a comunicação sempre esteve em busca da sua legitimidade científica, por isso, muitas vezes, usou por analogia esquemas pertencentes às ciências da natureza. Mas, ela se encontra na encruzilhada de várias disciplinas o que torna praticamente impossível a tarefa de dar união e continuidade as escolas correntes e tendências. De acordo com Armand e Michèle Matterlart é inviável, portanto, qualquer tentativa de criar uma cronologia da história das teorias da comunicação.

Se a noção de comunicação constitui problema, a teoria da comunicação não fica atrás. Também ela é produtora de clivagens. Antes de qualquer coisa, o estatuto e a definição da teoria, a exemplo do que ocorre em várias das ciências do homem e da sociedade, contrapõem-se vigorosamente de uma escola para a outra, de uma epistemologia a outra. Além disso, a designação “escolas” pode ser ilusória. Uma escola pode abrigar numerosos componentes e estar longe de possuir a homogeneidade que seu nome parece sugerir. Enfim, o discurso sobre a comunicação é com frequência promovido ao estatuto da teoria geral, sem inventário (Mattelart, 1999, p. 11).

Certamente a forma como os autores colocam a comunicação (dentro do âmbito da Sociologia) tem uma influência direta na forma como eles apresentam o saber comunicacional, contraditório e confuso. Entretanto, apesar de fazer um estudo sociológico, os autores apresentam a história da teoria da comunicação como um corpo relativamente unificado. Armand e Michèle Matterlart também colocam como problema para formulação de um objeto de estudo preciso a questão da "profissionalização" das atividades de comunicação, a disseminação da pesquisa administrativa e o pragmatismo dos estudos operatórios da comunicação.

Disso resulta que a área, como um todo, experimente uma crescente dificuldade em se libertar de uma imagem instrumental, conquistando uma verdadeira legitimidade como objeto de pesquisa integral e tratado como tal, com o distanciamento indissociável de um procedimento crítico (Mattelart, 1999, p. 186).

Eles também destacam que as teorias da comunicação surgiram aproximadamente no século XIX, com a emergência do jornal impresso. No entanto, os autores detêm-se, sobretudo, nas décadas de 40, 50 e 60 exatamente onde já constatamos ter havido uma explosão do saber comunicacional.

Aqui o conceito de teorias da comunicação, como podemos constatar, tem as mesmas características do conceito de saber comunicacional. A diferença que os autores colocaram foi fundamentalmente sobre a comunicação ser um campo de estudos dentro das ciências sociais. Por outro lado, esse fato não mudou as considerações dos autores sobre o caráter multidisciplinar da comunicação.

Apesar dos autores sustentarem a dispersão e ambiguidades das teorias da comunicação, podemos constatar nessa pesquisa uma semelhança na lista das teoria escolhidas para os livros de teoria da comunicação. Mesmo com as ressalvas que os autores fizeram sobre a condição do saber comunicacional, eles não variaram muito na eleição das teorias da área, em comparação com os outros autores antes citados.

No seu estudo Elihu Katz elabora um apanhado histórico da pesquisa empírica sobre as comunicações de massa. O autor começa pela Teoria dos Efeitos Limitados, Indiretos, que surgiu na década de 40, e termina propondo novas direções que a pesquisa sobre as comunicações de massa pode tomar.

Katz não se refere ao termo saber comunicacional mas podemos perceber que no seu ensaio o que ele chama de pesquisa empírica sobre as comunicações de massa é no mesmo sentido que empregamos o primeiro conceito nessa pesquisa.

O autor lista as pesquisas empíricas aproximadamente a partir da década de 40 até chegar as tendências dessa pesquisa atualmente.

De um modo geral, se constata uma renovação do interesse pelos estudos dos efeitos exercidos pelos meios de comunicação – no nível da tecnologia, bem como no nível dos conteúdos – sobre a sociedade em seu conjunto. Esta retomada de certas preocupações tradicionais da sociologia leva a sublinhar o papel desempenhado pelos meios de comunicação quando do relacionamento direto dos dirigentes e das massas e a menor importância que este relacionamento acarreta para instituições tais como os partidos políticos, os parlamentos ou as igrejas. Tanto do lado dos funcionários como do lado dos teóricos críticos, interessa-se vivamente pelo jornalismo e o seu poder de exacerbar, de facilitar ou de sufocar processos conflituais e transformações sociais (Katz, 1990, p. 08).

Nessa citação de Katz, sobre as novas direções da pesquisa empírica em Comunicação, podemos perceber alguns pontos-chaves como a importância da evolução dos meios de comunicação, ou seja, a preocupação com a tecnologia. O autor coloca o quanto isso foi (é) decisivo dentro da pesquisa em Comunicação. Outro ponto importante é a questão de que vários setores da sociedade se preocuparam em explicar os processos comunicacionais e o poder dos meios de comunicação. O autor ressalta que a Comunicação é um campo de estudo multidisciplinar, mas também considera que, por outro lado, ela é alvo de questionamentos de várias disciplinas. Conforme Katz, a Comunicação não só recorre a pressupostos teóricos de

diferentes disciplinas, como também, essas disciplinas se concentram em explicar os fenômenos comunicacionais. Assim, as pesquisas em Comunicação são fragmentadas e partem de pressupostos teóricos diferentes e, muitas vezes, antagônicos.

Katz não coloca seu posicionamento em relação ao estatuto científico ou não da Comunicação. Obviamente, se ele se refere a pesquisa empírica em comunicação de massa subentende-se que a Comunicação ainda não alcançou sua legitimidade científica. Entretanto, não faz considerações acerca das providências necessárias para que esse estatuto fosse alcançado.

Nesse texto, o autor se aprofunda muito pouco na discussão sobre a origem da comunicação e também não elabora uma reflexão sobre a explosão das pesquisas em comunicação. Katz se atém a fazer um resumo das principais teorias da comunicação e dar os possíveis rumos que as pesquisas no âmbito do saber comunicacional podem tomar.

Mauro Wolf escreveu, sem dúvida, uma das obras mais conhecidas, no meio acadêmico, sobre as teorias da comunicação. O autor fez uma pesquisa exaustiva das teorias e podemos considerar seu livro como uma das obras mais completas sobre o assunto. Apesar de não ter se dedicado a uma reflexão mais profunda sobre a gênese do saber comunicacional e sobre condição da Comunicação frente às outras disciplinas, não podemos desconsiderar a imensa contribuição de Wolf para a história da pesquisa no saber comunicacional.

Para ele, por causa da realidade complexa dos meios de comunicação, das diferentes perspectivas que a Comunicação incorporou e de sua condição interdisciplinar o objeto de estudo dessa disciplina é flutuante.

Daí resultou um conjunto de conhecimentos, métodos e pontos de vistas tão heterogêneos e discordantes que tornam não só difícil, mas porventura insensata qualquer tentativa para se conseguir uma síntese satisfatória e exaustiva (Wolf, 1981, p. 09).

Wolf divide seu trabalho selecionando as teorias, que ele considera como as mais importantes no saber comunicacional, e tentando agrupá-las em uma seqüência cronológica. A exemplo dos outros autores, Wolf coloca as décadas de 40 e 50 como um marco nos estudos em comunicação. O autor não designa um termo em especial para tratar da longa tradição de análise da problemática da comunicação. Entretanto, percebemos nitidamente seu esforço em explorar mais a tradição de pesquisa conhecida por *Communication Research*, desenvolvida, especialmente, nos Estados Unidos. Segundo ele, as pesquisas em Comunicação sofreram uma

mudança importante de direção nos finais dos anos 70. Não só porque o acervo de pesquisas era satisfatório mas, principalmente, por que tanto o meio acadêmico, quanto o profissional passavam a exigir mais consistência das pesquisas na área. É a partir dessa época que Wolf considera que o saber comunicacional tenha tomado novas direções em seu percurso.

Na segunda metade dos anos 70, a constatação da complexidade do objecto de investigação confrontava-se com o acordo unânime, que existia entre os estudiosos, acerca do estado de profunda crise em que o sector se encontrava. Todos concordavam em salientar insatisfações, frustrações e limitações de um trabalho de pesquisa que se figurava cada vez mais carente (Wolf, 1981, p. 10).

Esse foi um período decisivo para a institucionalização da Comunicação como disciplina acadêmica. Para Wolf, esse momento fez com que certas temáticas gerais e setores específicos, concernente a pesquisa em comunicação, voltassem seus esforços para a análise e reflexão teórica.

Wolf não considera a Comunicação como uma disciplina científica. Apesar dos esforços em busca de reflexões teóricas mais profundas e rigorosas, a fragmentação e o constante crescimento desordenado de análises e pesquisas impediram a homogeneização dessa área de estudos. De acordo com ele, durante muito tempo as pesquisas em Comunicação foram marcadas por duas correntes de pesquisa, que eram profundamente opostas: a pesquisa "crítica" e a "administrativa". Conforme o autor, essa oposição denuncia a fragmentação e a multiplicidade de objetos de estudo dentro da pesquisa em comunicação. Para ele, foi para sanar essas lacuna que essas pesquisas buscaram novas direções.

Foi segundo estas duas directrizes que a Communication Research foi capaz de se distinguir e desenvolver, se não com âmbito disciplinar autónomo, pelo menos, como área temática específica (Wolf, 1981, p. 11).

O conceito de Wolf para Comunicação é o mesmo que temos trabalhado para saber comunicacional. Wolf também considera o caráter histórico das pesquisas em Comunicação e ressalta sua estreita ligação com as inovações tecnológicas e com a evolução das sociedades contemporâneas. O que o autor pondera com mais ênfase, em relação aos outros autores antes aqui citados, é a crise da problemática do saber comunicacional, que aconteceu na década de 70 (talvez por causa da sua explícita preferência em tratar da *Communication Research*). Mesmo assim, é possível perceber a larga semelhança entre todos os conceitos, concernente à problemática da Comunicação, até aqui mencionados.

O último autor que vamos discutir neste artigo é Luiz Cláudio Martino, que em seus dois artigos *Elementos para uma Epistemologia da Comunicação e Interdisciplinaridade e Objeto de Estudo da Comunicação*⁷ discute o objeto de estudo da Comunicação e a condição desta diante das outras disciplinas e da possibilidade da ascedência a um estatuto científico.

De acordo com o autor, além da polissemia do termo comunicação, também se constitui como um grave entrave para a definição da disciplina (como citamos acima): a grande questão que se coloca para que a Comunicação se afirme como um saber específico e autônomo, a interdisciplinaridade que lhe é intrínseca.

De um lado, emprega-se ‘interdisciplinaridade’ como 1) concurso de várias disciplinas científicas que se debruçam sobre uma ‘matéria’ comum e empírica (objeto empírico); e de outra parte, o termo se refere á 2) constituição de uma disciplina com objeto de estudo singular a partir das contribuições de várias outras disciplinas (Martino, 2001, p.59, a).

Se se encara a Comunicação a partir do primeiro sentido considera-se que ela não tem um objeto de estudo próprio. A Comunicação nesse caso é uma síntese de saberes diversos. Martino acredita que esse sentido de interdisciplinaridade não se aplica ao caso da Comunicação porque ela se apóia em outros saberes (assim como outras tantas disciplinas das Ciências Humanas), mas possui um objeto de estudo único e diferenciado que faz dela uma disciplina autônoma.

Mas, qual será então o objeto de estudo da Comunicação se os processos comunicacionais perpassam virtualmente a problemática de qualquer disciplina das Ciências Humanas? Martino defende a existência de três vias epistemológicas por meio das quais se pode definir a problemática da Comunicação e seu objeto de estudo. A primeira via considera a pesquisa empírica baseada nas instituições de saber existentes ligadas à pesquisa e ao ensino da Comunicação. “Então, o significado da definição que nós chamamos aqui de empírica equivale ao reconhecimento que a comunidade acadêmico-científica tem do seu objeto, reconhecimento esse que se expressa ao nível das instituições” (Martino, 2001, p.66, a).

A segunda forma está ligada à definição lógico-formal ou ideal do objeto de estudo da Comunicação. De acordo com o autor, as duas vias não são opostas mas têm pólos prioritários de pesquisa diferenciados. Apesar de poderem se complementar e produzir um estudo aprofundado, nenhuma das duas serve ao interesse de delimitar um objeto específico para a Comunicação.

A especificidade da disciplina Comunicação, como vimos acima ao examinarmos a polissemia do termo e a questão da interdisciplinaridade, não pode ser alcançada através de uma análise lógico-formal. Nem tampouco ao nível de suas instituições de ensino/pesquisa, que na heterogeneidade de suas

formas concretas acabam por refletir o problema teórico no âmbito lógico-formal: ao apresentarem orientações muito díspares, as instituições acabam por reproduzirem, a seu modo, o problema de situar a disciplina Comunicação frente aos outros saberes (Martino, 2001, p.68, a).

Partidário de assunção da disciplina Comunicação como ciência, Martino elege a terceira via, a da Genealogia ou Arqueologia do Campo, como forma mais adequada de abordar a problemática dessa disciplina e a definição do seu objeto de estudo. Essa via busca pensar a gênese da Comunicação moderna. Para o autor, é necessário admitir e relevar a singularidade histórica do processo para que pensemos a Comunicação não como fundamento do homem, mas como um fenômeno social fomentado pelas inovações tecnológicas comunicacionais e informacionais e pela demanda das sociedades contemporâneas.

Os processos comunicativos no interior da cultura de massa constituem certamente o objeto da Comunicação, mas a característica inalienável e, portanto mais própria a esta disciplina, reside na perspectiva que ela adota, ou seja, na interpretação desses processos tendo como base um quadro teórico dos meios de comunicação. Trata-se de uma leitura do social realizada a partir dos meios de comunicação, o que equivale a dizer que meios de comunicação e cultura de massa não se opõem, nem podem ser reduzidos um ao outro, ao contrário, eles exigem uma relação de reciprocidade e complementação (Martino, 2001, p.81, b)

Martino faz uma bela e rica defesa da condição da disciplina Comunicação como ciência. Ele é o único autor, da bibliografia consultada que insiste na definição de um objeto de estudo único e específico da Comunicação e a considera como disciplina autônoma. A busca do autor é, sem dúvida, uma luz no fim do túnel para o reconhecimento da disciplina, enquanto ciência, e para direcionar as pesquisas do saber comunicacional de forma concernente com seu objeto de estudo.

5. Considerações finais

Como podemos conferir, as opiniões dos autores acerca da Comunicação e de seu objeto de estudo são bem variadas, o que não invalida certamente as pesquisas no saber comunicacional. Sem dúvida, a jovialidade da pesquisa nessa área e complexidade do seu objeto contribuem para a turbulência no debate da condição da Comunicação, enquanto disciplina autônoma ou mesmo ciência.

É importante ressaltar a busca dos autores em dar um corpo mais ou menos estruturado para que possamos entender a evolução do saber comunicacional e em promover o debate, quase em

todas as obras, sobre a questão epistemológica e metodológica da Comunicação. Mesmo que sem necessariamente uma intenção explícita, esses autores auxiliam na definição do objeto de estudo da Comunicação e, conseqüentemente, no reconhecimento e amadurecimento desta disciplina.

Os meios de comunicação, sem dúvida alguma, se estabelecem como portões privilegiados da inserção social numa relação diretamente proporcional à complexidade das sociedades contemporâneas. Não resta dúvida aqui que o objeto de estudo da Comunicação são os processos comunicacionais mediados pelos meios de comunicação e atrelados à evolução das sociedades contemporâneas, conseqüentemente, é sobre o exame dessa perspectiva que os autores devem se debruçar. Urge, portanto, que as velhas querelas sejam superadas para que essa disciplina possa sem embaraço ter seu estatuto científico reconhecido.

Nesse artigo, constatamos uma variedade de posições sobre o objeto de estudo dessa disciplina, sobre as correntes de pesquisa que a compõe e quanto ao seu caráter (se científico ou não). Entretanto, podemos perceber que as argumentações dos autores convergem em vários pontos, mesmo quando aparentemente estão tratando de assuntos diferentes. São essas semelhanças que nos permitem tratar a Comunicação como disciplina e iniciar uma pesquisa dentro do âmbito do saber comunicacional. Reconhecida a Comunicação, enquanto disciplina autônoma com um corpo teórico razoavelmente definido em que diversos autores se dedicam a pesquisa, podemos agora nos debruçar sobre o exame das teorias que compõe o saber comunicacional.

Acreditamos que as posições desses autores, como defendemos no início desse artigo, marcou e marca profundamente o pensamento brasileiro sobre a Comunicação. Portanto, mais uma vez defendemos a importância da releitura e da manutenção do diálogo entre esses autores como uma tentativa de reflexão sobre o que tem sido pensado e discutido sobre a disciplina Comunicação.

Referências Bibliográficas

BALLE, Francis. **Historia de los estudios sobre medios**. Comunicación e Sociedad. Bogotá: TM Editores, 1994.

BOUBNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da informação e da comunicação**. Bauru: Edusc, 1999.

DEFLEUR, Melvin. **Teorias da Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar , 1993.

KATZ, E. *A propósito dos meios e dos seus efeitos*. In Sfez, L. (org.) – Technologies et Symboliques de la Communication. Grenoble: Press Universitaire, 1990. Tradução: L. C. Martino, fotocópia.

MARTINO, Luiz C. “Interdisciplinaridade e Objeto de Estudo da Comunicação”. In: Fausto, A. N. (org.). Campo da Comunicação. João Pessoa: Editora Universitária, 2001, a.

MARTINO, Luiz C. “Elementos para uma Epistemologia da Comunicação”. In: Fausto, A. N. (org.). Campo da Comunicação. João Pessoa: Editora Universitária, 2001, b.

MATTELART, Armand e MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MIÈGE, Bernard. **O pensamento comunicacional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução à teoria da comunicação**. São Paulo: Editora

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editora Presença, 1981.

Notas

¹ **Janara Sousa** é jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília. Atualmente, faz doutorado em Sociologia, na linha de pesquisa Educação, Ciência e Tecnologia, também pela Universidade de Brasília, e fez doutorado-sanduíche na Universitat de Barcelona, em Barcelona, na Espanha. E-mail: janara.sousa@gmail.com.

² **Elen Gerales** é jornalista, mestre em Comunicação (USP) e doutora em Sociologia (UnB). Estuda teorias e métodos de pesquisa em Comunicação e a inserção do Jornalismo na sociedade contemporânea. É professora da graduação e da pós-graduação da Universidade Católica de Brasília - UCB. E é diretora da graduação em Comunicação da UCB. E-mail: elen@ucb.br

³ Esse conceito foi proposto pelo professor e pesquisador da Universidade de Brasília, Luiz Cláudio Martino, que discute em vários artigos de sua autoria a gênese, o conceito e as características do saber comunicacional.

⁴ MIÈGE, Bernard. *O Pensamento Comunicacional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. Nessa obra o autor mostra como se deu a evolução dos questionamentos do pensamento comunicacional. Ele destaca as etapas de edificação desse pensamento.

⁵ MARTINO, L. Anotações de aula, março de 2007.

⁶ BALLE, Fracis. *Historia de los estudios sobre medios*. Comunicación e Sociedad. Bogotá: TM Editores, 1994.

⁷ Ambos os artigos foram publicados no livro: FAUSTO, Antônio Neto et al (org.). *Campo da comunicação – caracterização, problematizações e perspectivas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.